

ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS NA ALIMENTAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Leonardo Almeida Cavalcanti*

leosaude@gmail.com

Vander Jarabiza**

vabiza@yahoo.com.br

Marcia Cristina Lopes Garcia***

marciaclgarcia@gmail.com

RESUMO

O presente artigo justifica-se pela necessidade de se prover mais informações a respeito dos hábitos alimentares tendo como componente o estilo de vida em crianças, a fim de que, se tenham mais subsídios para o planejamento e implementação de programas educacionais, principalmente na Educação Física e Nutrição, bem como no Ensino Fundamental. A pesquisa em questão visa analisar comportamentos sociais e culturais através da metodologia de pesquisa longitudinal com delineamento transversal, através de uma ativa intervenção didático pedagógica, visando analisar e promover características de um estilo de vida mais ativo e saudável, assim, o presente artigo tem como escopo verificar a eficácia de uma intervenção de cunho educativo, sobre o estilo de vida de escolares do Ensino Fundamental, em relação aos hábitos alimentares.

Palavras chave: hábito alimentar; sociedade e cultura; estilo de vida.

1 INTRODUÇÃO

A alimentação constitui uma das atividades humanas mais importantes, não só sob o ponto de vista biológico, mas também por envolver aspectos sociais, psicológicos e econômicos essenciais na evolução das sociedades. É durante a infância que se constrói a base dos hábitos alimentares, sendo que os primeiros anos são arraigados por costumes, representações e significados. Nesta fase, fundam-se as bases culturais, biológicas, econômicas e sociais (POULAIN, 2006).

Segundo Vasconcelos (1998) a educação nutricional pode ser definida como o processo de transmitir ao público “conhecimentos que visem à melhoria da saúde, por meio de hábitos

* Mestre em Educação Física (Universidade Católica de Brasília), professor de Ensino Superior (FASIFE e UNEMAT/Sinop).

** Mestre em Educação (UFMT).

*** Professora Especialista da Escola Municipal de Educação Básica Sadao Watanabe (Sinop/MT).

alimentares adequados e eliminação de práticas dietéticas insatisfatórias”, neste sentido é importante a introdução de melhores práticas higiênicas e uso mais eficiente dos recursos alimentares. As escolas devem oferecer alimentação equilibrada e orientar seus alunos para o desenvolvimento de bons hábitos alimentares, pois o aluno bem alimentado apresenta melhor aproveitamento escolar, atinge o equilíbrio necessário para o seu crescimento e desenvolvimento, bem como mantém as defesas necessárias a uma boa saúde.

É importante trabalhar o tema alimentação e nutrição nas escolas em especial no Ensino Fundamental em decorrência do papel da alimentação na prevenção de doenças e na manutenção da qualidade de vida. Além disso, a escola deve buscar qualidade máxima, não só no ensino, mas nas atividades que o cercam, como a alimentação (PHILIPPI, 2000).

Para alcançar tal objetivo, segundo Bizzo (2005), a educação alimentar deve contar com o apoio do professor, como um agente sensibilizador e motivacional dos alunos. Pois quando as crianças não estão em casa passam a maior parte do tempo na escola ao lado dos professores, tendo os adultos como referência, que por sua vez, exercem importante influência no processo educativo e na formação de hábitos culturais e sociais.

Outra influência direta nos hábitos alimentares das crianças são os veículos de comunicação de massa que investem cada vez mais alto no público infantil. De acordo com Grazini (1996), como estratégia de marketing anualmente são investidos milhões de dólares em publicidade, dirigida a essa faixa etária, que comumente são vítimas fáceis dos comerciais das empresas de *fast food*. Portanto, cabe aqui mais uma vez o papel da escola como meio de informação para a prática de hábitos alimentares saudáveis, alertando as crianças sobre os riscos no consumo desses alimentos.

2 HÁBITOS ALIMENTARES E INFÂNCIA

O ato de comer por si só não satisfazem somente as necessidades biológicas, mas preenche também funções simbólicas e sociais, ou seja, o alimento seria algo representado e mesmo aprendido por meio do significado cognitivo que lhe é atribuído em seu meio cultural e social.

No entanto, esse caráter simbólico assumido pelo simples ato de ingerir alimentos também pode se modificar com a idade e contexto social. As preferências variam no decorrer da

infância, sendo vivenciadas através do tato, paladar e olfato encontrado nos alimentos, (CANESQUI e GARCIA, 2005). Assim como as implicações orgânicas, o contexto ambiental, familiar e social nos quais ocorrem essas experiências (RAMOS e STEIN, 2000).

Cabe ainda destacar que um consumo alimentar inadequado, por períodos prolongados, resulta em esgotamento das reservas orgânicas de micronutrientes, trazendo como consequência para as crianças e adolescentes retardo no desenvolvimento, redução na atividade física, diminuição da capacidade de aprendizagem, baixa resistência às infecções e maior suscetibilidade às doenças (OLIVEIRA, 1998).

A alimentação considerada saudável, além de proporcionar prazer, fornece energia e outros nutrientes que o corpo precisa para crescer, desenvolver e manter a saúde. Nesse sentido, pensar em uma alimentação saudável significa dizer que ela deve ser a mais variada possível para que o organismo receba todos os tipos de nutrientes de que ele precisa (EUCLYDES, 2000a).

De acordo com a Health People (2000) a nutrição é essencial para o crescimento e desenvolvimento; saúde e bem-estar do indivíduo. Nesse contexto, a alimentação desempenha um papel decisivo para o crescimento e o desenvolvimento físico da criança em idade pré-escolar - época em que ela passa por um acelerado processo de maturação biológica, juntamente com o desenvolvimento sócio-psicomotor; no qual a família e comunidade bem como o meio cultural são fundamentais.

Desta forma, a educação alimentar desempenha um papel importante em relação ao processo de transformação e mudanças, à recuperação e promoção de hábitos alimentares saudáveis, podendo proporcionar conhecimentos necessários à tomada de decisão de formar atitudes, práticas alimentares saudáveis e variadas e hábitos sadios (ROTENBERG e VARGAS, 2004).

2.1 HÁBITOS ALIMENTARES E O AMBIENTE SÓCIO-AFETIVO

Segundo Birch (1998), o aprendizado alimentar infantil e o ato de comer estão diretamente ligados ao ambiente no qual a criança se insere. Muito antes do contato com o ambiente escolar, a criança permanece a maior parte do seu tempo tendo suas escolhas influenciadas por seus pais, inclusive pelo ato de repetição. De acordo com Gambardella (1999), a família é a primeira instituição que tem ação direta sobre os hábitos do indivíduo, à medida que

se responsabiliza pela compra e preparo de alimentos em casa, transmitindo, dessa forma, seus hábitos alimentares às crianças.

Mudanças alimentares são difíceis de serem assimiladas, pois romper com antigos padrões, e, por consequência, interferir em certos componentes da história, da família ou do grupo social de um indivíduo requer disposição e tempo para maturar as transformações impostas por um novo programa nutricional.

O consumo e proibição do uso de certos alimentos - independente do grupo social que faça parte, são ditados por regras sociais diversas, carregadas de significados. A negociação estabelecida entre o adulto e a criança, muitas vezes, faz com que a ela rejeite certos alimentos. Via de regra, isso acontece quando são prometidas recompensas (como assistir televisão, jogar vídeo game etc.) em troca de, por exemplo, comer verduras; essas acabam não fazendo parte das escolhas espontâneas da criança quando ela não vai usufruir de um prêmio posterior a sua ingestão. Assim, a educação nutricional passada pelas mães deveria enfatizar a importância da experiência da alimentação nos primeiros dois anos de vida, a fim de favorecer a aceitação de variedades de vegetais e frutas na idade escolar (SKINNER, 2002).

A influência dos pais, assim como a de outros cuidadores na alimentação das crianças, não somente se dá em relação às atitudes tomadas, como também pelo exemplo dado, já que a observação de outras pessoas se alimentando favorece a aceitação por novos alimentos (BIRCH, 1999a). “Os pais costumam exercer influência decisiva na alimentação infantil, afetando a preferência alimentar da criança e sua regulação da ingestão energética” (BIRCH, 1998). Esse entendimento se faz necessário, pois possibilita a elaboração de processos educativos, que são efetivos para mudanças no padrão alimentar das crianças (RAMOS e STEIN, 2000).

2.2 HÁBITOS ALIMENTARES E EDUCAÇÃO

Pensando na prática e na formação educacional do ser humano, Bizzo e Leder (2005) discutem a importância da inserção da educação nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, no contexto brasileiro. Os autores descrevem a necessidade dessa inserção ser, fundamentada em uma metodologia pedagógica, problematizadora, transversal, lúdica, construtiva e que se cultive a cidadania. Desse modo, portanto, a educação nutricional baseada na promoção de saúde deve propor a construção coletiva

do conhecimento, mediante planejamento didático adequado. Quando dirigida às crianças, a educação nutricional pode contribuir para a formação de hábitos alimentares adequados, uma vez que o comportamento na vida adulta depende do aprendizado na infância.

Ele passa de uma situação na qual sua conduta alimentar é determinada pelo condicionamento e pelo hábito repetido mecanicamente, para outra, na qual compreende seu próprio corpo e aprende a ouvi-lo e observá-lo, passando a se tornar agente de sua conduta alimentar (CERVATO, 2005). Assim, a escola continua sendo um ambiente favorável para se desenvolver estratégias de educação nutricional, pois além de atender aos escolares, pode envolver família e comunidade (WHO, 2006).

Dentre os locais preconizados para a promoção de saúde e nutrição, a escola se destaca como espaço privilegiado, uma vez que o indivíduo a frequenta por importante e longo período de sua vida é nesse ambiente que ocorrem experiências promovedoras à construção de valores, hábitos e atitudes com intuito intrinsecamente pedagógico, porém, tendo em vista também o desenvolvimento e a aprendizagem para formação social do cidadão (PARREIRA, 2002).

O ambiente escolar tem como intuito a procura do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e destrezas para o autocuidado da saúde e a prevenção das condutas de risco em todas as oportunidades educativas. Além desse caráter mais pragmático, ela também fomenta uma análise crítica e reflexiva sobre os valores, condutas, condições sociais e estilos de vida, buscando fortalecer tudo aquilo que contribui para melhoria da saúde e do desenvolvimento humano.

A escola pode ainda facilitar a participação de todos os integrantes da comunidade educativa na tomada de decisões, colaborando para a promoção de relações socialmente igualitárias entre as pessoas, atentando para a construção da cidadania e da democracia, bem como reforçando a solidariedade, o espírito de comunidade e os direitos humanos.

Segundo Philippi (2000), os períodos da vida pré-escolar, escolar e adolescência são excelentes momentos para uma orientação nutricional ativa e participativa que pode ser implementada, tanto no âmbito escolar, quanto no familiar, sendo que, a alimentação deve ser saudável e adequada a cada uma dessas fases, respeitando às características pessoais dos indivíduos. A escola constitui-se num ambiente cultural valioso para o desenvolvimento de ações educativas na área de nutrição e saúde e, também, por dispor de recursos, como é o caso na rede pública de ensino, do programa de alimentação escolar que deveria possibilitar aos alunos a oportunidade de acesso a alimentos saudáveis.

A criança em idade escolar apresenta-se na fase pré-púbere, que antecede ao crescimento acelerado característico da puberdade, evento sob influência direta da alimentação e atividade física da criança (ROGOL, 2000), sendo importante um acompanhamento constante de seu estado nutricional a fim de garantir um adequado desenvolvimento e um período propício para educação nutricional por estarem em plena formação de hábitos alimentares. Neste sentido, a escola constitui-se o ambiente propício para a aplicação de programas de educação em saúde, pois está inserida em todas as dimensões do aprendizado: ensino, relações lar-escola-comunidade, ambiente físico e emocional (DAVANÇO, TADDEI e GAGLIANONE, 2004).

Embora os hábitos alimentares estejam arraigados às práticas familiares, sociais e culturais, as escolas e os professores do Ensino Fundamental têm um papel vital na promoção de noções saudáveis, já que os professores têm uma influência importante frente às atitudes dos estudantes, persuadida pelo seu contato expressivo e envolvimento com a escola e ambiente social (GAGLIANONE, 2006).

Assegurar que os escolares possam ser saudáveis e possam aprender, são componentes essenciais de um sistema educacional eficaz. (Programas precoces de promoção de saúde e nutrição nas escolas podem melhorar a aprendizagem e os resultados educacionais das crianças, bem como a educação de qualidade pode conduzir à melhores resultados de saúde e nutrição (UNICEF, 2000).

De acordo com Philippi (2000), as crianças a partir dos sete anos de idade começam a intensificar o processo de independência dos adultos. Nessa idade, as crianças já revelam suas próprias vontades e quando bem orientados são capazes de selecionar e consumir, de forma independente, seus alimentos. As refeições realizadas no domicílio e os lanches (merenda escolar) são excelentes oportunidades para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. A forma de apresentação dos alimentos é importante, pois a criança se fixa nas cores, na forma e no visual, condições importantes para a aceitação dos alimentos.

A nutrição e a dieta são fatores que contribuem substancialmente para o encargo da prevenção de doenças e morte prematura. Portanto, é necessário que surjam programas flexíveis para ajudar a família e a criança a fazerem mudanças em seus hábitos alimentares com a escolha de alimentos de baixo teor gorduroso, aumento nos legumes, consumo de frutas, lanches saudáveis, diminuição no tamanho das porções e a água que deveria ser usada como principal bebida (BATCH e BAUR, 2005).

Ainda no ambiente escolar outro elemento que muitas vezes facilita a aquisição de maus hábitos alimentares são as cantinas escolares. As escolas têm responsabilidades pelo tipo de comida que disponibilizam nas cantinas, portanto deveriam oferecer uma dieta equilibrada do ponto de vista nutricional.

Educadores e os donos de cantina escolar são fundamentais como agentes transformadores dessa realidade. Esses estabelecimentos, por sua função social, são também ambientes ideais para a implementação de programas de educação nutricional. As atividades pedagógicas que enfocam as relações do mundo real da criança com o alimento são mais prováveis de produzir resultados positivos, experimentar novos alimentos, participar do preparo de alimentos simples e plantar uma horta, são atividades elementares que ajudam a melhorar os hábitos e desenvolvem atitudes alimentares positivas (MAHAN e ESCOTT-STUMP, 2002b).

É importante considerar também que as cantinas escolares e os vendedores ambulantes, que atuam no entorno da unidade de ensino, frequentemente comercializam alimentos com elevada densidade energética e que tradicionalmente são amplamente divulgados pela publicidade, tais como balas, lanches, salgados do tipo *chips*, biscoito doce, hambúrguer, maionese, pão doce, pipoca, pizza, refrigerantes, salgados tipo caseiro e doces.

Outro fato que tem sido observado é o consumo excessivo de refrescos (bebidas industrializadas) em substituição aos alimentos como leite, sucos naturais e água. Os refrescos possuem, freqüentemente, elevado conteúdo de sacarose, frutose, xarope de milho ou edulcorantes e contém pouco ou nenhum outro nutriente saudável. São inúmeros os prejuízos nutricionais no consumo dessas bebidas, principalmente decorrentes do seu alto teor de carboidratos (DAMIANI, 2000). Segundo o autor, para estimular o consumo, os produtos são apresentados como saudáveis ou simplesmente saborosos. Ainda para o autor, esses alimentos e bebidas contêm elevado grau de processamento, com valores nutritivos limitados, contendo, na maioria das vezes, alto teor de energia, elevadas quantidades de gordura (principalmente saturada), açúcar, colesterol e sal.

O consumo deste tipo de alimento ocorre à medida que a criança cresce, tendo os adultos como modelo e a escola como ambiente sociocultural na formação de seus hábitos (FISBERG, 2000). Por outro lado, comercialmente não existem incentivos veiculados especialmente pela mídia para que a população aumente o consumo de frutas e hortaliças (LINHARES, 2001).

Philippi (2000) registra que a qualidade alimentar parece ter sido prejudicada, pois em décadas passadas as refeições revelavam maior diversificação, com a inclusão de alimentos pertencentes à totalidade dos grupos da pirâmide alimentar. Atualmente, em especial os grupos das hortaliças e frutas, não se fazem presentes nas refeições diárias da maioria dos indivíduos. Além disso, nos intervalos entre as refeições tem se intensificado o consumo de alimentos conhecidos como *snacks*, salgadinhos, biscoitos, iogurtes, chocolates, sorvetes e refrigerantes. Muitas vezes a criança tem o hábito de consumir frutas em casa na companhia de seus pais, por exemplo: banana, e cruelmente, são alvos de brincadeiras perversas entre seus colegas “Ah quem come banana é macaco!”. Esse comportamento dificulta a sua aceitação pelo grupo. Segundo White (1997), ser aceito socialmente, em especial por seu grupo de companheiros, na maioria das vezes é mais importante do que expressar sua própria opinião se ela for contrária aos ditames do grupo, que é frequentemente, poderoso e sua aprovação é reconhecida como fundamental. Dessa forma, os produtos e marcas que não são aceitos pelo grupo não são comprados, pois nada pode ser considerado pior para o jovem do que se expor ao que os amigos consideram ridículo.

No Brasil, a televisão é um meio de comunicação acessível à população, sendo encontrada tanto em casas de famílias de baixa renda (inclusive em bairros identificados como *favela*, quanto nas casas de famílias de classes intermediárias e de elevada renda (WITTER, 1991). Em nosso meio assume a dimensão de ser um dos fatores potenciais que estimulam a alimentação. Seu poder age na criação de valores míticos como liberdade, autonomia, felicidade e bem-estar, prescrevendo, simultaneamente, comportamentos adequados ao alcance de tais fins (ANDRADE, 2003). A exposição de apenas 30 segundos a comerciais de alimentos é capaz de influenciar a escolha de crianças por determinados produtos (ALMEIDA, NASCIMENTO e QUAIOTI, 2002). A televisão pode influir não apenas nas horas dedicadas às atividades de lazer, mas também em outras áreas, de forma especialmente no comportamento alimentar.

3 ESTILO DE VIDA

A noção de estilo de vida engloba um conjunto de valores e símbolos, culturalmente e socialmente determinados, que definem as opções que as pessoas fazem. Cada pessoa conduz as suas atividades do dia-a-dia, as quais vão refletir direto na saúde. Sendo assim, o estilo de vida engloba o ambiente de trabalho, a família, o lazer e tudo o que cerca as pessoas em seu dia-a-dia.

Para Pierre Bourdieu (1987), a escolha que fazemos para atender necessidades básicas está condicionada tanto pela distância entre essas necessidades e suas possibilidades de atendimento, quanto pelas oportunidades que definem o universo simbólico e os valores que se atribui às coisas.

Segundo Nahas (2003), o estilo de vida passou a ser considerado fundamental na promoção da saúde e redução da mortalidade por todas as causas. E o bem-estar tem origem no próprio comportamento individual, resultante tanto da informação e vontade da pessoa, como também das oportunidades e barreiras presentes na realidade social.

A escola deve ser um ambiente agradável onde os escolares possam realizar suas atividades de (lazer ativo-como participar de jogos, brincadeiras, contato com a natureza etc.). Porém, esta realidade ainda é distante para muitas pessoas que na maioria das vezes realizam as muitas opções do chamado *lazer passivo* - como a televisão, computador e os jogos eletrônicos-têm reduzido muito a parcela de tempo livre em que poderíamos ser mais ativos fisicamente.

Estes meios de poupar esforço, apesar de proporcionar conforto e maior produtividade intelectual, não diminuem a necessidade de exercitarmos regularmente o nosso organismo para que os males do sedentarismo não prejudiquem nosso estado geral de saúde física e mental, reduzindo a capacidade de realizar tarefas rotineiras e a qualidade de nossas vidas a médio e longo prazo.

3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA, CENÁRIO EMPÍRICO DE LOCAL

Esta pesquisa constituiu-se num estudo longitudinal, quase-experimental, com delineamento transversal, que conta com um n=1036 estudantes do Ensino Fundamental. Para a amostra foram selecionadas crianças com idades de 07 a 11 anos dos sexos masculino e feminino, devidamente matriculados em 02 escolas públicas. A escola (experimental) localiza-se na cidade de Samambaia-DF e compreende um n=461 alunos. A escola (controle) Riacho Fundo - DF localiza-se nas proximidades da escola experimental com n=575 alunos.

Para selecionar as instituições e sujeitos que fizeram parte da amostra do estudo, foram observados os seguintes critérios de exclusão: Recusar-se a participar do estudo; - Encontrar-se fora da faixa etária definida; - Não devolver o termo de consentimento livre e esclarecido,

devidamente assinado pelos pais ou responsáveis; Não preencher o questionário de hábitos alimentares adequadamente; Não ter realizado as avaliações antropométricas desta pesquisa

Vale ressaltar que, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica de Brasília (UCB) e aprovado. Todos os voluntários assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, contendo todos os procedimentos a serem desenvolvidos, conforme a resolução nº. 196/96, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

A coleta de dados foi dividida em dois momentos: inicialmente foram realizadas medidas e pesagens, para classificar as crianças quanto ao IMC- (Índice de Massa Corporal) e percentual de gordura; no segundo momento, foi aplicado um questionário de estilo de vida (BARROS, 2003) para identificar os hábitos alimentares das crianças. Assim foi medida a massa corporal, estatura, cálculo do IMC, percentual de gordura medido a partir das dobras cutâneas tricipital e subescapular tanto dos meninos quanto das meninas de acordo com o protocolo de Boileau consultado no momento da pesquisa de campo 2008.

4. FASES DA INTERVENÇÃO E PROCEDIMENTOS UTILIZADOS

O estudo transcorreu durante todo o ano letivo de 2008 e desenvolveu-se em três momentos distintos, mas interdependentes: Diagnóstico, intervenção e reavaliação.

Na fase do diagnóstico, uma equipe formada por 02 professores-pesquisadores e 03 estagiários de nutrição, aplicaram o questionário de hábitos alimentares e realizaram as medidas antropométricas na escola experimental e escola controle. A aplicação do questionário ocorreu durante as aulas com o auxílio dos professores, e todas as medidas antropométricas foram realizadas no horário destinado ao recreio e nas aulas de Educação Física com o apoio do professor.

Na segunda fase da pesquisa e foco principal deste estudo, denominada intervenção, foi aplicado um programa educativo exclusivamente na escola experimental, com a finalidade de modificar o estilo de vida dos alunos, focando os hábitos de atividade física e alimentar no seu contexto sócio-cultural. Para finalizar a pesquisa, a terceira fase denominada pós intervenção foram reaplicados os mesmos instrumentos onde chegamos aos seguintes resultados:

5 CONCLUSÃO E RESULTADOS DO CENÁRIO EMPÍRICO

Os resultados encontrados nesta pesquisa artigo revelaram que os escolares, tanto da escola controle quanto da experimental, encontram-se com uma alimentação classificada como insuficiente e adotam hábitos alimentares irregulares em relação ao que é sugerido pela pirâmide alimentar. No entanto, quando comparamos as crianças com os hábitos alimentares classificados como ADEQUADOS entre as escolas, percebemos que a escola experimental teve um aumento de 11,7% em relação à escola controle. Demonstrando uma boa assimilação nos conteúdos aplicados na escola experimental em educação nutricional realizada na segunda fase desta pesquisa.

Em contra partida o maior número de alunos nas duas escolas encontram-se classificados com uma alimentação INSUFICIENTE com um total de 706 alunos em uma amostra que compõe 1036, e perfazendo 69,6% na escola controle e 66,4% na experimental.

Na análise epidemiológica, demonstrou que não houve uma associação significativa entre estado nutricional e as práticas alimentares. No entanto, as crianças da escola experimental tiveram o fator de proteção de aproximadamente 50% maior de chances de apresentarem hábitos alimentares ADEQUADOS quando comparado com as crianças da escola controle, havendo assim uma associação positiva entre práticas alimentares e uma intervenção para a promoção de um estilo de vida saudável.

Por fim, acreditando nos resultados encontrados, esperamos que a partir desta pesquisa venham surgir propostas em intervenção escolar, através de políticas públicas, organizações sociais e instituições religiosas ou organizações não governamentais atuantes, que envolvam um maior número de profissionais de saúde e educação. Projetos pedagógicos devem ser elaborados visando à conscientização dos benefícios da promoção de hábitos alimentares saudáveis para as crianças na Educação Básica bem como no Ensino Fundamental, para que as mesmas possuam no presente e no futuro, uma vida mais saudável.

SOCIO-CULTURAL ASPECTS IN FOOD IN THE ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This article is justified by the need to provide more information about the eating habits as a component having the lifestyle in children, so that if we have more information for the Education and Nutrition, as well as in elementary school. The research project aims to examine social and cultural behavior through longitudinal research methodology with a cross-through active intervention didactic teaching in order to analyze characteristics and promote a more active lifestyle and healthy, so this article is scope to verify the effectiveness of an educational intervention on the lifestyle of students in the elementary school, in relation to dietary habits.

Keywords: food habits; society and culture; lifestyle.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S., NASCIMENTO, P. C. B. D., QUAIOTI, T. C. B. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.3, jun. 2002.

ANDRADE, R. G.; PEREIRA, R. A.; SICHIERI, R. Consumo alimentar de adolescentes com e sem sobrepeso do Município do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n.5, p.1485-1495, set./out. 2003.

BATCH, J.; A.; BAUR, L. A. Management and prevention of obesity and its complications in children and adolescents. **MJA Practice Essentials - Paediatrics**. v. 182, n. 3, fev. 2005.

BIRCH LL. Development of Food Acceptance Patterns in the First Years of Life. **Proc. Nutr. Soc.** 1998; 57:617-24.

BIRCH, L. L. Development of food preferences. **Annu. Rev. Nutr.**, v.19, p.41 – 62, 1999a.

BIRCH, L. L. Psychological influences on the childhood diet. **J Nutr.**, v.128, Supl.2, p.407-410,1998.

BIZZO, MLG; LEDER, L. Educação Nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. **Revista de Nutrição**. 2005; 18(5) : 661-67.

BOURDIEU, P. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. Ciências sociais e humanas nos cursos de nutrição. In: CANESQUI, A. M.(Org.); GARCIA, R. W. D (Org). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. p. 255-274.

CAVALCANTI, A. Leonardo, Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação Física UCDB. 2009.

_____,JARABIZA, V. Promoção de Hábitos Alimentares Saudáveis em Escolares do Ensino Fundamental: Questões Sociais e Culturais: *In- 3º Congresso Internacional de Educação UEPG- ISAPEG- “Saberes para o século XXI” Ponta Grossa PR, Junho 2011.*

CERVATO, A.M; DERNTL, A.M.; LATORE, MRDO; MARUCCI MFN. Educação Nutricional Para Adultos e Idosos: Uma Experiência Positiva em Universidade Aberta Para a Terceira Idade. **Revista de Nutrição**. 2005; 18(1):41-52.

DAMIANI, D. Obesidade na infância e adolescência: um extraordinário desafio! **Arq.Bras. Endocrinol. Metabol.**, São Paulo, v.44, n.5, p.363-365. out. 2000.

DAVANÇO GM, TADDEI JAAC, GAGLIANONE CP. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico expostos e não expostos a curso de educação nutricional. **Rev Nutr**, 2004; 17:177-84.

DOYLE, EI; FELDMAN, R. H. Factors affecting nutrition behavior among middle-class adolescents in urban area of Northern region of Brazil. **Rev Saúde Pública** 1997; p. 342-50.

EUCLYDES, M. P. Crescimento e Desenvolvimento do Lactente. **Nutrição do lactente**. 2. ed. Viçosa, 2000a. p.1 – 80.

FISBERG, M. et al. Hábitos alimentares da adolescência. **Pediatr. Mod.**, São Paulo, v. 36, p. 724-734, 2000.

GAMBARDELLA, A. M. D.; FRUTUOSO, M. F. P.; FRANCHI, C. **Prática alimentar de adolescentes**. Revista de Nutrição. Campinas: v. 12, n. 1, p. 55-63, jan./abr. S.,o Paulo, 1999.

GRAZINI, J.T. **Analogia entre comerciais de alimentos e hábito alimentar de adolescentes**. [Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina para obtenção do título de mestre em Ciências Aplicadas à Pediatria]. São Paulo, 1996.

LINHARES, J. Fome de quê? Comer para viver. **Folha de São Paulo. Folhateen, São Paulo, 20 ago.2001.p.6-7**.

MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S. Nutrição nos Distúrbios Alimentares. In: BERNING, J.R. KRAUSE. **Alimentos, Nutrição e Dietoterapia**. 10. ed. São Paulo: Roca, 2002b. cap. , p. 499 – 516b.

NAHAS M, De Bem MF, Barros MV, Silva D, Oliveira ES, Loch MR. **Atividade física em adolescentes catarinenses: prevalência de comportamentos sedentários e fatores determinantes da atividade física habitual. Relatório final**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina; 2002. Processo CNPq n° 462799/00-0.

OLIVEIRA, C. L.; FISBERG, M. Obesidade na infância e adolescência- uma verdadeira epidemia. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.** v. 47, n. 2, abr. 2003.

PARREIRA, C. M. S. F. **A construção de uma política pública de promoção da saúde no contexto escolar: um relato da experiência brasileira**. MEMORIA da Tercera Reunión de la Red Latinoamericana de Escuelas Promotoras de la Salud. OPAS/OMS Quito, Equador: 2002 Disponível em: <[http://www.paho.org/Spanish/AD/SDE/HS/EPS_RED_BR .pdf](http://www.paho.org/Spanish/AD/SDE/HS/EPS_RED_BR.pdf)>. Acesso em: 06 jan. 2008.

- POULAIN J. P. **Sociologias da alimentação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2006. p.23-147.
- PHILIPPI, S.T. et al. **Alimentação saudável na infância e na adolescência**. Curso de atualização em alimentação e nutrição para professores da rede pública de ensino. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq).2000 maio/jun. 31-01.
- RAMOS, M.; STEIN, L. M. Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. **Jornal de Pediatria**, v. 76, supl.3, p.229 – 237, 2000.
- Rogol A.D., Clark P.A., Roemmich J.N. Growth and pubertal development in children and adolescents: effects of diet and physical activity. **American Journal of Clinical Nutrition vol.72** (2suppl) Aug. PMID 10919954. 2000.
- ROTENBERG, S.; DE VARGAS, S. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. **Rev. Brasileira de Saúde materno-infantil**, Recife, p.85-94, 2004.
- SKINNER, J. D.; CARRUTH B. R.; BOUNDS, W.; ZIEGLER, P.; REIDY, K. Do food- related experiences in the first 2 years of life predict dietary variety in school-aged children? **J Nutr Educ Behav**, v. 34, n.6, p.310-5, 2002. Disponível em:< <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>> Acesso em: ago.2008.
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Focusing Resources on Effective School Health: a FRESH Start to Improving the Quality and Equity of Education**. Relatório final do Fórum Mundial de Educação. Senegal, 2000. Disponível em: <<http://www.unicef.org/lifeskills/files/FreshDocument.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2006.
- VASCONCELOS, C. dos S. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudanças por uma práxis transformadora. In: VASCONCELOS, C. dos S. **Avaliação e vínculo pedagógico**. São Paulo: Libertad, 1998, p.73-93.
- VASCONCELOS EM. Educação Popular como instrumento de reorientação das estratégias de controle das doenças infecciosas e parasitárias. **Cadernos de saúde Pública**, Rio de janeiro 1998; (Supl 2) : 39-57.
- WITTER, C. **Televisão e o adolescente: análise de conteúdo da programação preferida**. São Paulo, 1991. 279p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- WHITE, B. D. & MARTIN, R.J . Evidence for a central mechanism of obesity in the Zucker Rat: Role of neuropeptide Y and Leptin. **Proc. Soc. Exp. Biol. Med.** 1997;214: 222-32.
- WHO. World Health Organization. **Global strategy on diet, physical activity and health**. Geneva, 2006.

Recebido em 30 de maio de 2011. Aprovado em 13 de julho de 2011.